


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO		 PUC RIO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA		
FIL 2610 - 1CA	Filosofia Política Ceticismo em movimento: filosofia política moderna e tradição cética	
PERÍODO - 2025.1	CARGA HORÁRIA TOTAL: 45 HORAS	CRÉDITOS: 3
Horário: Quarta-Feira, 10:00/13:00	PROF.: Renato Lessa	

OBJETIVOS	<p>A tradição cética é uma das principais vertentes intelectuais configuradoras do campo da filosofia moderna. Tal juízo foi estabelecido de modo claro por Richard Popkin, em clássica obra a respeito da história do ceticismo. Obra que viria a receber três versões, sucessivamente alargadas, desde a década de 1960: <i>The History of Scepticism from Erasmus to Descartes</i> (1964), ; <i>The History of Scepticism from Erasmus to Spinoza</i> - esta com tradução brasileira, feita por Danilo Marcondes, e publicada em 2000 - (1979); e <i>The History of Scepticism: from Savonarola to Bayle</i>, em 2003.</p> <p>A cada reedição de seu livro, Popkin acrescentava novos autores, ao mesmo tempo adensando e estendendo sua área original de cobertura. O livro de Popkin foi fundamental na abertura de um vasto e fértil campo de pesquisa, que não raro incluiu refutações a respeito de sua tese originária, a saber, de que o ceticismo é uma das vertentes configuradoras da filosofia moderna, ao lado de, e em oposição a, outras perspectivas mais consagradas, tais como as tradições empirista e racionalista.</p> <p>O curso que proponho pretende examinar, de um ponto de vista filosófico-político, um aspecto dessa história maior, o da presença do ceticismo no campo específico da filosofia política moderna. Pretendo fazê-lo considerando dois aspectos interligados, porém analiticamente distintos: (i) a presença propriamente dita do ceticismo filosófico no repertório da filosofia política moderna e (ii) as particularidades do ceticismo moderno, com relação a seu antepassado clássico. Tais particularidades, a meu juízo, sugerem a imagem dinâmica de um <i>ceticismo em movimento</i>, e não a de uma “escola” filosófica, com conceitos e métodos bem estabelecidos a montante e à disposição para as</p>
------------------	--

	<p>devidas aplicações. Meu argumento é a de que o ceticismo moderno configurou-se como tradição filosófica distinta tendo como alvo e objeto os dilemas presentes na experiência política da modernidade, na qual os temas das guerras de religião e da tolerância tiveram tanta relevância quanto o das formas de governo, rotineiramente assumido como o objeto por excelência da reflexão política.</p> <p>Para considerar tais questões, pretendo concentrar as leituras e discussões do curso em três autores centrais, cada um fixado em um século específico em uma sequência que cobre os séculos XVI, XVII e XVIII: Michel de Montaigne, Pierre Bayle e David Hume, referências obrigatórias para o entendimento dos argumentos do ceticismo moderno. A bibliografia aqui posta é meramente indicativa e poderá sofrer adições e supressões ao longo – e ao sabor – dos seminários.</p>
EMENTA	<p>Leitura e análise de obras dos principais autores representativos da reconfiguração do ceticismo no quadro da Filosofia Moderna: Michel de Montaigne, Pierre Bayle e David Hume.</p>
AVALIAÇÃO	<p>Categoria Trabalho Final</p> <p>CATEGORIA 3</p>
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	<p>I. Introdução</p> <p>1. Problemas originários do ceticismo antigo e sua linguagem Renato Lessa, <i>Veneno Pirrônico: ensaios sobre o ceticismo</i>, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000. Renato Lessa, <i>Ceticismo em movimento</i>, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024 Danilo Marcondes, <i>Razões da dúvida: ceticismo e filosofia moderna</i>, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2019.</p> <p>2. A recepção do ceticismo na modernidade Richard Popkin, <i>História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza</i>, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000. Miles Burnyeat, <i>The Skeptical Tradition</i>, Los Angeles: University of California Press, 1983.</p> <p>II. Século XVI: Michel de Montaigne Michel de Montaigne, <i>Ensaios</i>, (Trad. Rosemary Costhek Abílio), São Paulo: Martins Fontes, 2000. Jean Starobinski, <i>Montaigne em Movimento</i>, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.</p> <p>III. Século XVII: Pierre Bayle</p>

Pierre Bayle, *De la Tolérance (Commentaire Philosophique)* (Ed. Jean-Michel Gros), Paris: Honoré Champion, 2014.

_____, *Historical and Critical Dictionary: Selection* (Sel. Richard Popkin e Craig Bush), New York: Hackett Publishing, 1991

_____, *Diccionario Historico y Crítico* (Sel. Fernando Bahr), Buenos Aires: 2014.

_____, “Esclarecimento sobre os Pirrônicos” (Trad. Flavio Fontenele Lopes e Fábio Fortes), **SKÉPSIS**, Ano VII, n. 10, 2014, pp. 161-178.

Renato Lessa, *Ceticismo em movimento*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024

IV. Século XVIII: David Hume

David Hume, *Tratado da Natureza Humana*, (Trad. Débora Danowski), São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

_____, *Investigação sobre os Princípios da Moral*, Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____, *Ensaio Morais, Políticos e Literários*, Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

Renato Lessa, *Ceticismo em movimento*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024